

Hanciau, Nubia; Campello, Eliane; Santos, Eloina. A voz da crítica canadense no feminino. Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

Susana Bornéo Funk
Universidade Federal de Santa Catarina/UCPEL

Se os parâmetros da crítica literária estão cada vez mais tênues e se a própria definição de “mulher” consegue desafiar qualquer consenso frente às múltiplas versões e (re)visões do feminino e das configurações de gênero, o panorama quase caótico deste cenário “pós” parece não abalar a convicção destas vinte e duas mulheres aqui reunidas de que um projeto comum é desejável e possível.

Brasileiras do sul e do centro, canadenses do leste e do oeste, feministas, não-feministas, quase-feministas (re)unem-se nesta parceria acadêmica (mas nem por isso menos política) para dar visibilidade a uma relação cada vez mais forte entre duas complexas nações multiculturais - o Canadá e o Brasil.

Esta parceria, que se desenvolve com maior vigor a partir da década de 90, tem permitido importantes contatos entre os dois países. O diálogo cultural estabelecido por programas de intercâmbio e pela criação de vários

núcleos de estudos canadenses no Brasil e de centros de cultura brasileira no Canadá tem facilitado a publicação de valiosos estudos comparativos e de importantes traduções.

Desta vez são onze artigos críticos de autoras canadenses, traduzidos por experientes pesquisadoras brasileiras na área de literatura canadense em inglês e em francês. A organização de Nubia Hanciau, Eliane Campello e Eloina Prati dos Santos é inteligente e cuidadosa. Embora com um eixo comum - a produção literária feminina - o panorama é amplo e variado. Encontram-se aqui escritoras, como Nancy Huston e Nicole Brossard; “tradutoras” da literatura anglófona e francófona, como Barbara Godard e Lori Saint-Martin; teóricas da literatura, como Linda Hutcheon - todas imbuídas do aguçado senso crítico de sua prática acadêmica e da visão transcultural de sua condição nacional. Os interesses também são múltiplos: do pós-colonialismo de Diana Brydon e Mary Jean Green à questão das escritoras migrantes

(Lucie Lequin), nativas (Helen Hoy) e negras (Barbara Godard) e da escrita memorialista feminina de Barbara Havercroft e Louise Dupré.

As vozes da crítica literária canadense, em sua variedade em seu ecletismo cultural, estão muito bem representadas. Quanto ao fato de estas vozes estarem no feminino, isto deverá causar maior estranheza a nós do Brasil do que a canadenses em geral. A consolidação da Literatura Canadense como disciplina acadêmica, ou seja, como campo de estudo distinto das literaturas inglesa e francesa ensinadas nas escolas, é relativamente recente, tendo surgido sob a égide dos movimentos anticonservadores da segunda metade do século XX. Suas antologias e histórias literárias não contemplam, pelo menos não com a mesma intensidade das nossas, o masculino hegemônico como norma ou padrão. Assim, as vozes aqui reunidas nos fornecem não só um panorama verdadeiramente representativo da crítica feminina/feminista, mas um recorte amplo e variado da crítica canadense como um todo de uma literatura fértil, original, preocupada com o transculturalismo, com a condição pós-colonial e com as identidades híbridas e fluidas de nacionalidade, raça, gênero e linguagem.

(Texto de apresentação da obra, gentilmente cedido por Susana B. Funk para reprodução na Interfaces Brasil/Canadá 2)